

DENGUE

Segundo caso da doença é registrado em Itatiba

Da Redação

Desde o início do ano, Itatiba registrou 39 casos suspeitos de dengue, sendo descartados 33. Ainda existem quatro suspeitos em diagnóstico e dois confirmados: uma mulher de 45 anos do Itatiba Country e um homem, de 37 anos, morador do N.R. Erasmo Chrispim.

No ano passado, o número de casos suspeitos chegava a 147 – diferença de 73,5%, ante os quase 40 diagnósticos deste ano. Também o número de infectados no comparativo diminuiu 75%, passando de oito em 2016 para dois deste ano.

para proteger as pessoas é a vacinação.

O professor diz que não há razão para pânico, justamente porque a doença segue, por enquanto, o seu ciclo silvestre, mas requer cuidados de saúde pública fundamentais para visitar áreas rurais.

“O principal temor é que o ciclo zóotico entre no meio urbano, por meio de alguém que seja picado pelo *Haemagogus* (mosquito) contaminado, contraia a doença e depois seja picado pelo *Aedes*. E não adianta matar macacos ou queimar matas, uma vez que é impossível erradicar a forma silvestre da doença”, explicou.

AEDES

Além da dengue, agora as prefeituras têm que se atentar ainda à febre amarela e continuar as campanhas de conscientização da população. No entanto para um dos principais infectologistas da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, o professor Rogério de Jesus Pedro, há sério risco de o cenário da febre amarela em Campinas se aproximar do caos com o aumento dos casos de macacos mortos, especialmente pela possibilidade de o *Aedes aegypti* (transmissor da dengue, zika vírus e chikungunya) também transmitir a doença em área urbana. E a única forma 100% eficaz

ENDEMIAS

O infectologista diz que a doença silvestre é uma espécie de endemia e a aproximação para áreas cada vez mais próximas da habitação humana pode se dar por algum desequilíbrio ecológico.

A diretora do Departamento de Vigilância em Saúde (Devisa) de Campinas, Andrea von Zuben, não descarta que a entrada do vírus da febre amarela no meio urbano de Campinas seja possível. Mas acredita nos estudos que afirmam que o *Aedes* teria perdido a competência vetorial para a transmissão”, afirma. O ciclo urbano da doença não é registrado no Brasil desde a década de 40.